



O Cardeal

ÂNGELO

JOSÉ

RONCALLI,

Patriarca

de Veneza,

é o novo

Papa da

Cristandade.

Seu novo nome:

JOÃO XXIII.

SÃO PAULO, 16 - XI - 1958

ANO LX

NÚMERO 43

ave
maria

Ela nos ilumina a inteligência

Trono de Sabedoria, Ela é a feliz Graça e Luz que aclara nossa inteligência, sequiosa de Eterna Verdade.

Porque ilumina e porque confirma.

A presença de Nossa Senhora junto a nós, acena de longe àquela gloriosa Luz que, no céu, vai rasgar em amplos horizontes as nossas visões dos mistérios de Deus.

É mais fácil aprender o catecismo, depois que conhecemos a Mãe do Céu. Decoramos o Pai Nosso, depois de saber a Ave-Maria. Aprendemos o Têrço antes de estudar a Eucaristia de nossa Primeira Comunhão.

Nossa Senhora confirma também.

Semelhantemente aos apóstolos que "creram em Jesus" após o milagre de Caná, obtido por Maria, nós também nos asseguramos na verdade de nossa crença, depois que os prodígios dos carinhos da Virgem se manifestaram em nossa vida.

Clarão suave para nossa inteligência que procura a Verdade Divina.

* * *

Nas trevas amáveis do Purgatório, a Rainha é uma estrela de luz.

Ao pensamento de Maria, recordam as santas almas seus caminhos de Fé, e o ardor com que professaram outrora sua adesão às verdades altíssimas.

Os profundos mistérios do Senhor, em Maria se faziam um doce Pão partido em pequeninos.

E agora, na estranha psicologia de suas inteligências, decepada de imagens sensoriais, tomam relêvo as aquisições preciosas que o escrínio da memória reservou, pepitas de ouro a assegurar o va-

lor daquelas luzes que iluminam sempre.

Ora, Maria é a Tesoureira dessas riquezas, a Fímbria dessas luzes, a Doadora fiel daquele Jesus sempre Verdade, sempre Pão da inteligência, sempre repartido aos pequeninos.

Haverá uma linguagem transcendente, no Purgatório, uma quase infusão de idéias, a semelhança das mentes angélicas?

E não será, ainda, Nossa Senhora, o instrumento eleito dessas dádivas, a Intérprete Única desse idioma singular?

* * *

Nos extases deliciados do Paraíso, Nossa Senhora é o lado fulgurante do Divino Sol.

Aos Santos recompensados, inteligências dilatadamente potenciada pelo Esplendor da glória, Maria é uma Faixa de Luz, cariciosa e unitiva, que enseja o elo perfeito entre as mentes sequiosas e a Increada Verdade.

Na Luz de Maria veremos a Luz de Deus.

A inteligência da Imaculada tamisa para nós o Eterno mistério. Divinal Mestre, Ela nos aproximará das infinitas inteligibilidades da Trindade Santíssima. Ao deslumbrar-se nossa sêde de conhecer e comungar Deus, no abismo incessante daquela explosão de imensa luz, sentiremos que nos ampara, gentil Aquela que foi Mãe de nossa Fé, certeza de nossa crença, Amparo e Segurança querida de nossa insaciada Sêde de integral Verdade.

E o Sol aurifulgente de Deus, que se revela aos nossos eternos deslumbramentos, há de iluminar-nos nas macias claridades da Imaculada Inteligência de Maria.

ESCREVEU

+ Antônio Maria Alves de Liqueiro
Cano. e Coadj. de

À MARGEM DO EVANGELHO

VIGÉSIMO QUINTO DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

Era costume entre as mulheres judias cozer o pão em casa. Por isso, Jesus, quando era menino, de certo observou sua Mãe, tôda recolhida, preparar a massa para o pão familiar, misturar nela um pouco de fermento e a massa tôda ficar levedada.

No momento de sua pregação, que o Evangelho de hoje fixa, Jesus quer falar ao povo da Igreja que Ele veio fundar — o reino dos céus — Igreja que de início será insignificante, pois reunirá uns poucos discípulos, mas que há de propagar-se pela terra inteira, transformando, com sua doutrina excelsa, tôda a humanidade. E N. Senhor se lembra de sua Mãe fazendo o pão e por meio desta imagem sensível, desta parábola, incute naquelas mentes a verdade pretendida.

Trazendo a comparação para nossa vida interior, para nosso campo individual, notamos igualmente que há uma pequena circunstância, por vezes oculta a nossos olhares, que leveda tôda a quantidade de nossas ações, ou seja, que torna meritório e virtuoso nosso procedimento, embora em si mesmo sem importância, ou que o corrompe e estraga, conquanto aparentemente louvável.

Que circunstância é essa? É a intenção que nos move, enquanto nos dedicamos a nossas atividades. Se a intenção é boa, até um pequeno trabalho no arranjo da casa, mesmo o serviço que devemos repetir todos os dias, tudo se transforma em atos meritórios, porque agradáveis a Deus. Se a intenção é defeituosa, é má, ainda os atos de virtude, a generosidade para com o próximo, tudo, enfim, se vicia e infecciona por êste erro na finalidade de nosso procedimento.

Por esta razão, o inimigo implacável de nossas almas se esforça por nos prejudicar neste ponto. Fica de espreita para torcer ao mau lado nossa intenção, assim que a formamos.

Serve-se, sobretudo, de outro inimigo da boa intenção, que reside dentro de nós mesmos: — o nosso sempre presente egoísmo. Quando temos necessariamente de obedecer aos superiores, o nosso amor próprio nos tonteia a cabeça com revoltas, com rancores, e a grande virtude e o grande merecimento da obediência vêm ao chão como uma fruta podre. Quando nos ocupamos com o socorro do próximo ou com o bem de nossa santa religião, o egoísmo nos tira sornateiramente a primitiva intenção do amor de Deus e do próximo, e a substitui pelo desejo de sermos apreciados. Prova é que, se nos presenteiam com críticas em lugar de

(S. Mateus, 13, 31-35)

Naquele tempo, contou Jesus às turbas esta parábola:

“É semelhante o reino dos céus a um grão de mostarda, que, tomando-o, um homem semeou em seu campo. E com ser a menor de tôdas as sementes, depois que cresceu, é a maior de tôdas as hortaliças, e se torna árvore, de sorte que as aves vêm e moram em seus ramos.”

Outra parábola lhes disse: — “O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e põe em três medidas de farinha até que tudo fermente.”

Tôdas estas coisas disse Jesus em parábolas às multidões e não lhes falava nada sem parábolas, para que se cumprisse o anúncio do profeta, que diz: — “Abrirei minha bôca em parábolas, declararei as coisas ocultas desde a criação.”

louvores, nos agastamos. Mas, se Deus aceitou nossa obra, por que sentimos a reprovação dos homens? E assim em tudo o mais.

O que, pois, nos cumpre fazer a fim de que a intenção nos seja boa? Ter sempre em mira, em tôdas as nossas ocupações, mesmo corriqueiras, o amor, a vontade, o agrado de Deus. Por isso é que N. Senhora, quando entre as mãos tinha a massa do pão, era uma santa, era a Santíssima Virgem.

Acreditavam os antigos que existia uma pedra maravilhosa com cujo contacto todos os objetos se tornavam ouro puro. Buscaram-na, mas jamais deram com ela, é natural. Se, porém, formos no encaço desta pedra em nossa vida espiritual, achamo-la imediatamente. É a boa intenção. Consiste em visar o contentamento de N. Senhor em tudo o que levamos adiante. É assim que todos os nossos atos se transformam em ouro brilhante a ser retirado no Céu.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C. M. F.

TEMOS UM NOVO PAPA

O 262.º PONTÍFICE DA IGREJA É O CARDEAL ÂNGELO JOSÉ RONCALLI, EX-PATRIARCA DE VENEZA. TEM 77 ANOS. ESCOLHEU POR NOME: JOÃO XXIII.

A eleição do novo Papa — Roma. Segundo notícias da Rádio Vaticano, num programa em português, precisamente às 17,08 horas do dia 28 de outubro p.p., a fumaça branca da chaminé junto à Capela Sixtina, indicava que a Santa Igreja tinha um sucessor de Pio XII na Sé de Pedro. Efectivamente, os 51 cardeais reunidos em Conclave, após dois dias de votações, na 11.ª votação, elegeram o 261.º sucessor de São Pedro, na pessoa do Cardeal Angelo José Roncalli, patriarca de Veneza, de 77 anos de idade.

As cerimónias dentro do Conclave — Imediatamente após a eleição, os cardeais do Conclave, ainda com seus trajes violáceos pela morte de Pio XII, reuniram-se em semicírculo em torno ao novo Papa, cujo dossel permanecia estendido sobre a sua cadeira, enquanto que todos os dos outros cardeais já haviam baixado, em reverência ao novo Pontífice. O cardeal-diácono Nicola Canali dirigiu-lhe, então, em latim, a solene pergunta:

“Aceitais vossa eleição como Pontífice supremo, que acaba de ser realizada segundo as leis canônicas?”

O Cardeal Roncalli respondeu: “Aceito”.

Em seguida, o decano do Sacro Colégio, cardeal Eugene Tisserant, perguntou ao novo Papa:

“Por que nome quereis ser chamado?”

“Quero ser chamado João XXIII”, respondeu o novo Papa. (Dizem que o nome escolhido seria um gesto de carinho filial do novo Pontífice para com seu progenitor, um modesto agricultor de nome João. Sabe-se que o último Papa que adotou este nome foi o Papa João XXII, francês, que reinou no século XIV.

Grata notícia ao mundo inteiro — Em seguida, o novo Papa dirigiu-se à sacristia da Capela Sixtina a fim de revestir-se das vestes pontificias, tomando o jôgo completo de maior tamanho, entre os três que já estavam preparados, pois sua santidade é de porte avantajado, contrastando sua figura robusta com a mística e angelical silhueta do pranteado Papa Pio XII.

Enquanto Sua Santidade se revestia dos hábitos pontificiais, e os cardeais, igualmente, trocavam suas batinas roxas, de luto, pelas escarlates, o Cardeal Nicola Ca-

nali, até agora governador do Estado do Vaticano, em nome do Sumo Pontífice, e grão-mestre da Ordem Equestre dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, dirigiu-se à “loggia” central da Basílica de São Pedro, para anunciar o novo Papa a uma multidão de umas 200.000 pessoas reunidas na majestosa praça de São Pedro.

Usando as tradicionais palavras, o cardeal Canali, diácono-maior do Colégio Cardinalício, saudou o povo com as palavras:

“Gaudium magnum nuntio vobis; habemus Papam”: “anuncio-vos grande alegria: já temos Papa”. E os sinos da igreja paroquial de Santa Ana, dentro dos muros do Vaticano, bem como os sinos de São Pedro e de todas as igrejas de Roma, uniram-se às aclamações entusiastas do povo italiano e peregrinos reunidos na praça de São Pedro, à espera da bênção do novo Papa.

A BÊNÇÃO “URBI ET ORBI”

Pela primeira vez na história do Papado, a primeira aparição e bênção do Sumo Pontífice na “loggia” central da Basílica de São Pedro foi transmitida por uma cadeia de televisão para toda a Europa; os que não puderam ver o Papa pela TV, ouviram-no através das ondas da potente Rádio-emissora do Vaticano.

Recebido com grande entusiasmo pela multidão, o novo Papa apareceu no balcão central da Basílica. Assistido pelos cardeais, leu a seguinte fórmula de absolvição, antes de dar a sua primeira bênção, que tem indulgência plenária para todos os que a recebem”.

“Que os Santos Apóstolos Pedro e Paulo, em cuja autoridade confiamos, intercedam por vós... Confiamos na proteção da SS. Virgem Maria... dos SS. Apóstolos Pedro e Paulo, e de todos os Santos... Que o Deus todo-poderoso tenha piedade de vós e que perdoando vossos pecados, Jesus Cristo vos conduza à vida eterna... Que vos conceda indulgência, absolvição e remissão de todos os vossos pecados em virtude de uma sincera penitência... Que a bênção de Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça sempre convosco. Amém”.

Após esta primeira bênção “Urbi et Orbi” (à cidade de Roma e ao mundo), o Papa retirou-se, en-

quanto os “carabinieri” italianos executavam, na praça, o hino nacional italiano, sendo correspondidos pela Guarda nobre palatina, do Vaticano.

“ESBOÇO BIOGRÁFICO DO NOVO PAPA”

Rapidamente, eis um “curriculum vitae” do Papa João XXIII.

O cardeal Angelo Giuseppe Roncalli — agora papa João XXIII — é chamado “um Pastor completo — um homem que sempre vê o lado bom das coisas”.

Estas são algumas das definições usadas por aqueles que o conhecem e descrevem o filho de um agricultor modesto do norte da Itália, que por 27 anos foi diplomata do Vaticano, mas que, no fundo, sempre se considerou bispo.

Quando o papa Pio XII o fez cardeal em 1953 e o nomeou patriarca de Veneza, Roncalli se sentiu menos emocionado por receber o chapéu cardinalício do que pela oportunidade que se lhe apresentava de dedicar-se, por fim, ao trabalho episcopal.

“Aqui tenho uma nova oportunidade de ser inteiramente um pastor, disse com um sorriso radiante em seu rosto severo e bondoso.

“Estou convencido de que o ministério do pastor é o mais fascinante que se pode oferecer a um homem em sua vida. Procurarei desempenhá-lo com a mais profunda humildade”.

E foi isso o que ele fez, misturando-se com o povo nas ruas, recebendo a todo mundo em seu escritório, rodeado de livros, fazendo amizades, por igual, com personalidades elevadas e com gente humilde.

“Gosto de conhecer pessoas. E ademais, um homem que me visita pode querer ver-me como um confessor” — disse Roncalli, explicando, como que pedindo desculpas, porque suas portas estão sempre abertas para qualquer um, amigo, indiferente ou inimigo.

Essa foi a mesma sensibilidade e jovialidade com que conquistou triunfos em um dos postos mais difíceis da história diplomática do Vaticano — nuncio em Paris, nos turbulentos anos do pós-guerra, quando os dirigentes franceses não haviam esquecido que o Vaticano tinha mantido relações com o governo do marechal Pétain, durante a guerra.

O filho de camponeses, com seu

sas, por ocasião de vossa eleição e enviar-vos meus melhores votos de saúde e de bem-estar na execução das tarefas excelsas para as quais fostes chamado”.

● O PRESIDENTE EISENHOWER se externou do seguinte modo: “Foi com grande satisfação que eu soube de vossa eleição como Supremo Pontífice da Igreja Católica Romana.

“Alio-me a outros norte-americanos para transmitir-vos minhas felicitações, em virtude de vossa elevação a essa alta dignidade.

Meus melhores votos pelo êxito de vossos esforços são partilhados, disso estou certo, pelos homens de boa vontade, onde quer que estejam”.

● O PRESIDENTE GRONCHI: “É para mim uma honra e uma profunda alegria ser o intérprete da homenagem unânime do povo italiano a Sua Santidade, elevado hoje ao supremo magistério da Igreja por vossas qualidades de sabedoria e de bondade, que tornarão ainda mais fecunda e eficaz a vitalidade eterna da Cátedra de São Pedro”.

● O ARCEBISPO DE MILÃO — Monsenhor Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, ao saber da eleição de João XXIII, declarou: “Sentimo-nos felizes com essa notícia que enche de júbilo a Igreja em seu conjunto e, sobretudo a Igreja Ambrosiana, considerando-se os laços de amizade e de respeito que unem Milão à pessoa do eleito, assim como em virtude da veneração afetuosa que liga, há muitos anos, minha modesta pessoa e a de Angelo Roncalli”.

BRASÃO DE ARMAS DO PAPA JOÃO XXIII

Oriundo de modesta família de agricultores, tradicionalmente católica, o cardeal Roncalli nasceu aos 25 de novembro de 1881 na aldeia de Sotto il Monte, em Bérgamo, na Itália. Era o terceiro dos treze filhos do lavrador que, com seu trabalho, pagava o arrendamento da terra que cultivava. Embora não fôsse de origem nobre, um seu antepassado, Martino Roncalli, pintou um brasão de armas sobre uma parede de sua casa — uma torre sobre um campo com faixas vermelhas e brancas. Esse foi o brasão de armas que o cardeal Roncalli adotou quando foi nomeado para o Sacro Colégio, em 1953, nele acrescentando o leão alado de São Marcos, símbolo de seu patriarcado em Veneza, com a inscrição “Obedientia et Pax” (Obediência e Paz).

O fim de ano se aproxima... e os exames estão chegando. Esta jovem universitária de Memphis (EE. UU.), Carolina Davies, devendo estudar até altas horas da noite, recebeu de uma amiga uma linda corujinha, para fazer-lhe companhia já que esta ave, desde a antiguidade, simboliza a vigília e o amor ao estudo.



O PAPA JOÃO XXIII E O MUNDO CONTEMPORÂNEO — O COMUNISMO, O GRANDE ADVERSÁRIO A ENFRENTAR

O Papa João XXIII que subiu ao trono de São Pedro a 28 de outubro de 1958, encontra uma situação internacional completamente diferente daquela que condicionou o pontificado de Pio XII, iniciado a 2 de março de 1939. A expansão do comunismo é o fato sobressaliente que determinará a linha de atuação dos futuros pontificados. Enquanto, em 1939 existia um só país comunista, a União Soviética, em 1958, quase a metade da população do mundo vive sob seu regime ateu e totalitário: 600 milhões de chineses, 200 milhões de russos, 60 milhões na Europa Central e 10 milhões de vietnamenses. Por outras palavras, dos 2 bilhões e 300 milhões de seres humanos, mais de um terço trabalha forçada ou espontaneamente por um mundo novo em que a economia socialista produzirá — assim se promete nas hostes da Terceira Roma — maior igualdade em detrimento da liberdade. E há 450 milhões de católicos no mundo. Dêles 60 milhões, sofrendo o ináudito martírio da Igreja do Silêncio, embora privados de todos os direitos da liberdade pública da religião, sob o peso tremendo das perseguições, dão demonstração de uma fé victoriosa, inabalável e mais viva que jamais.

Se de um lado, no plano ideológico não pode haver conciliação entre Cristo e Belial, a vida cotidiana e a existência desses católicos não deve ser agravada ou impossibilitada pela identificação dos propósitos espirituais da Igreja com os desígnios políticos de um bloco de potências. “O Vaticano é aliado dos capitalistas” é um dos “slogans” mais injuriosos da época, destinado a arruinar o prestígio da Igreja e do Evangelho junto às forças sociais ascendentes do operariado e impossibilitar a direção e assistência espiritual da Santa Sé na vida das nações escravizadas.

Este abominável “slogan”, como não tinha base sob o pontificado de Pio XII, assim não a terá sob João XXIII, filho de humildes agricultores. A declaração de Pio XII tem um valor não apenas pessoal, mas também significação universal: “Diante das potências, a Igreja permanece neutra, ou melhor, porque o termo é muito passivo e ambíguo, imparcial e independente. A Santa Sé não se deixa arrastar por nenhuma potência ou por nenhum grupo de potências. O caminho da Santa Sé pode coincidir, em certas circunstâncias, com o de uma ou outra potência. Mas no que concerne ao ponto inicial e ao fim do seu caminho, a Igreja e seu chefe supremo seguem exclusivamente sua própria lei, que consiste em conquistar para Deus todos os homens sem distinção...”.

A fumaça branca que subiu, há dias, da Capela Sixtina, arrastan-



Intenção da Arquiconfraria do I. Coração de Maria para o mês de Novembro

ROGAR PELA DIFUSÃO DA IMPRENSA CATÓLICA E
SUPRESSÃO DA IMORAL E ANTIRELIGIOSA

A palavra escrita é, desde tempos imemoriais, um dos meios mais eficazes de intercomunicação usado pelo homem. Somente assim é-nos possível estabelecer contacto com as civilizações antigas e usufruir do patrimônio cultural, científico e religioso que nos legaram nossos antepassados.

O próprio Deus dela se quis servir inspirando homens privilegiados e ordenando-lhes escrevessem seus preceitos e ensinamentos. A palavra divina está contida na Sagrada Bíblia.

Jesus Cristo nada escreveu durante sua vida mortal, exceto uma vez sobre a areia, porém houve vários dentre os apóstolos que divinamente inspirados nos legaram seus escritos: Evangelhos, Cartas, os Atos dos Apóstolos, o Apocalipse.

Portanto se a palavra oral é o distintivo do homem e a escrita uma necessidade, é absolutamente impossível avaliar o que significa para o mundo a imprensa — essa invenção estupenda graças à qual o poder do espírito humano se tornou praticamente ilimitado.

A imprensa é, sem dúvida, a maior força do mundo moderno. O rádio, a televisão, com os progressos alcançados, ainda a não suplantaram na influência poderosa que exerce sobre as inteligências. A leitura é o pão cotidiano de ricos e pobres, letrados e ignorantes. Sob a forma de livros, opusculos, revistas, diários e fôlhas volantes, ela está em toda parte e penetra todos os setores da atividade humana.

É um grande bem a imprensa, mas como todas as coisas dependentes do livre arbítrio, oferece também seus tropeços e dela, infelizmente, é lícito dizer o que da língua afirmava o Apóstolo São Tiago: "Pequeno membro é na verdade, mas de grandes coisas se gloria. Vêde como uma centelha de fogo abrasa um grande bosque! Também a língua é um fogo: um mundo de iniquidade!"

... "Com ela louvamos a Deus e Pai. E com ela amaldiçoamos aos homens, que foram feitos à semelhança de Deus. De uma mesma boca procede a bênção e a maldição."

Parece-nos, ao interpretar esta passagem, ouvir a voz angustiada da Igreja perante os estragos causados nas consciências pela imprensa moderna. As más leituras são fagulhas do inferno e uma vez ateadas nas almas incautas quem poderá controlar sua fúria destruidora?

O primeiro livro impresso no mundo, de todos o mais santo, foi publicado em louvor de Deus. E quem nos garante que o último não ostentará o "imprimatur" do anticristo? O certo é que milhões de obras em nossos dias levam desde já o selo da iniquidade. Em nome da liberdade de pensamento circulam impunes pelas livrarias e bancas de jornais publicações de todos os naipes, com predomínio das revistas de crime, amor livre e pornografia.

Em meio a essa enxurrada de lama os primeiros

e mais diretos prejudicados são os jovens e por eles se envenena a alma de toda uma nação. Que fazer pois? Qual será o antídoto? Adotemos o programa do Apóstolo das gentes":

— *Vencer o mal com o bem.*"

Não há negar que perante o panorama desolador o coração do católico sincero se enche de amargura. A imprensa está quase toda em mãos estranhas. Nossos grandes diários são pouquíssimos e nossas revistas ilustradas nem sempre se podem ombrear em prestígio com as revistas mundanas. Não fiquemos, porém, em estéreis lamentações; apliquemos o remédio positivo. A solução não consiste tanto na medida drástica de apreender os livros perniciosos, mas em substituí-los pelos bons e educativos. É mister que todos os católicos, máxime os educadores, se unam e cooperem com a Igreja na formidável batalha da boa imprensa.

Oxalá estivessem todos possuídos pelos ideais de Luiz Veillot, o emérito escritor do século passado! Para ele acima de tudo estava a imprensa católica e sua glória era ter como epitáfio: "Aqui jaz um jornalista católico."

Santo Antônio Maria Claret — o Apóstolo do século dezenove — foi um dos maiores batalhadores da imprensa em todos os tempos. Além de fundar a Academia de São Miguel para a propagação da sã leitura, escreveu ele mesmo livros e opúsculos no total de 145 volumes e espalhou-os gratuitamente entre o povo às centenas de milhares.

Os assuntos de todas essas obras são os mais variados: teologia moral, ascética e mística, direito, apologética, pedagogia, história, sociologia, medicina, música e até agricultura!

O santo orientava-se por este ideal: "Já que não podemos enviar missionários a todas as partes, enviemos os bons livros, que podem fazer tanto bem como os próprios missionários."

O bom livro é o melhor dos presentes, o amigo sincero a quem podemos consultar quando bem nos apraz.

Neste século onde há tanta sede de novidades cujo principal veículo é a imprensa, ergamos nossos olhos para Aquela de quem diz o Evangelho: "Maria conservava todas essas palavras, conferindo-as em seu coração." Era profunda conhecedora das Sagradas Letras como prova o canto do "Magnificat". Sabia ler e meditar.

Seja a nossa prece neste mês em favor da Boa imprensa. Que o Coração de Maria suscite na Igreja muitos apóstolos desta santa causa, atando nêles o zelo que abrasava outrora os corações dos Cruzados.

DEUS O QUER!

Pe. José Rezende, C.M.F.



OSVALDO CRUZ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter meu marido com suas bênçãos alcançado sair-se bem em importante negócio. Margarida Maria Diniz Costa.

BOTUCATU — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversas graças materiais e espirituais e continuo implorando sua proteção. Uma Devota.

CATANDUVA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o emprego que meu irmão conseguiu. Amélia Cíndio.

MONTE ALTO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret seus favores já dispensados ao mesmo tempo que imploro a cura de minha irmã Systilla. Amilde Bondi Gambarini.

CERES — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret minha cura, estando já desenganado dos médicos. João Tavares Gouveia Filho.

CAMBÊ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde minha e de meu filhinho, bem

como boa solução num negócio difícil de meu marido. Mariquinha Pivetta.

FRANCA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde de meu marido. Maria Rosa Taveira.

DIVINÓPOLIS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver resolvido com facilidade um negócio intrincado depois de recorrer à sua intercessão. Efigênia Bessa.

AGUAÍ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversos favores ao mesmo tempo que rogo-Lhe abençoe meus filhos. Uma Devota.

LARANJAL PAULISTA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret minha saúde e de minha neta. Ursolina M. Maraccini.

MONTE SANTO — Agradecemos a Santo Antônio Maria Claret nos ter favorecido em diversas necessidades e imploramos ainda seu auxílio em uma aflitiva situação. Isola e Iole Rossi Rigobello.

Desde a primeira infância Antônio queria ser Sacerdote. Ele vi-
ra fugirem-lhe as esperanças, mas,
confiava em Deus. Ele conta:
"Com que fé, com que confiança
falava com meu... Pai! Eu me
oferecia mil vezes ao seu santo
serviço: desejava ser sacerdote
para me consagrar dia e noite ao
seu ministério e lembro-me que
dizia: Humanamente não vejo
nenhuma esperança, mas Vós sois
tão poderoso que, se quiserdes,
tudo resolvereis. E me lembro que
com toda a confiança me deixei
nas suas divinas mãos".

Afinal sou a hora de Deus. Li-
vre dos perigos, de tentações ter-
ríveis e da morte, encontrou meio
de seguir a vocação ao sacerdócio.
Dirigiu-se para Vich. Frequentou
as aulas do seminário como aluno
externo, pondo-se sob a direção
do sábio Oratoriano Padre Bach.
Durante algum tempo pensou en-
trar na Ordem da Cartuxa, mas
de um modo milagroso Deus o
fez desistir quando já estava a ca-
minho. Luta corajosamente para
guardar a virtude da pureza, sen-
do, após a vitória, recompensado
por Deus com uma visão na qual
ele se viu a si mesmo sob a fór-
ma de uma criança que era co-
roada com uma coroa de flores
por Nossa Senhora. Coursou com
grande aplicação três anos de Fi-
losofia e sete de Teologia, dedi-
cando-se ao mesmo tempo ao de-
senho e ensinando numa casa de
campo próxima a Vich. Todos os
anos o atestado dos Superiores
do Seminário qualificavam de boa
e exemplar a conduta do Semi-
narista que seria com o tempo a
maior glória do Seminário de
Vich.

Agradecimentos muito sinceros a todos os devotos de Santo Antônio Maria Claret que celebra-
ram sua festa litúrgica a 23 de Outubro rezando pelas Vocações Sacerdotais Claretianas e auxiliando-
as com seus donativos. A esta gratidão juntamos nossas preces pelas intenções de todos os
caríssimos benfeitores dos Seminários Claretianos.

São Paulo
Caixa Postal, 615

Pe. JOSÉ DE MATOS PEREIRA, C. M. F.
Diretor das Vocações Claretianas

AGRADECEM A SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET

BOTUCATU: Sr. Olindo Corsini.
— **DUARTINA:** Da. Maria Tere-
zinha Bueno. — **ITARARÉ:** Da.
Isaura Perúcio. — **RIO DE JA-
NEIRO:** Da. Marina de Maga-
lhães Oliveira. — **CRUZEIRO:** Da.
Maria Izabel de Castro. — **CAÇA-
PAVA:** Sr. Antonino Pedro Fer-
retti. — **CAMPINAS:** Sr. Otávio
Soares. — **CRESCIUMA:** Da. Amá-
lia Guimarães. — **TOMASINA:** Da.
Honória Franco. — **PONGAÍ:** Sr.
José Nicodemos Lopes. — **ANGA-
TUBA:** Sr. Aurélio Moura. — **STA.**

RITA DO PASSA QUATRO: Da.
Maria Zagari, Da. Dirce Francisco,
Da. Olívia Carnieri. — **RIBEIRÃO
PRETO:** Da. Aparecida Luzia Bor-
dini. — **SÃO PAULO:** Da. Áurea
Lopocelli. — **CRAVINHOS:** Da.
Afra Gouvêa. — **TIETÊ:** Da. On-
dina Flora Araujo. — **RIO CASCA:**
Da. Marieta Paula Vieira. — **SÃO
PAULO:** Sr. Luís Faria Marcondes.
— **ALEGRETE:** Da. Maria Sarda-
nha Leões. — **LIVRAMENTO:** Da.
Zília Silvestre Balisbiri. — **DOM
PEDRITO:** Da. Moza Bicca. —

ROSÁRIO: Da. Luiza Cavalheiro.
— **PELOTAS:** Da. Marina Chagas
Pires, Da. Olímpia de Oliveira. —
RIO GRANDE: Da. Marília Duarte
de Oliveira. — **SÃO BORJA:** Sr.
José Algemiro. — **CERRO AZUL:**
Da. Cecília Rocha Nitstche. — **JA-
BOTICABAL:** Da. Ana Camargo
Arruda. — **PATOS DE MINAS:**
Da. Rosa Luiza Ferreira. — **CARA-
ZINHO:** Da. Maria Becker. — **PIN-
DORAMA:** Da. Maria Zelibani. —
PRESIDENTE PRUDENTE: Da.
Isabel Rozas.

OS NOIVOS

Por toda a faixa, pois, de território percorrida pelo exército, haviam-se achado alguns cadáveres nas casas, alguns pelo caminho. Pouco depois, nesta e naquela aldeia, começaram a adoecer, a morrer, pessoas, famílias, de males violentos, estranhos, com sintomas desconhecidos da maioria dos viventes. Havia somente alguns para quem eles não eram novos: para aqueles poucos que podiam recordar-se da peste que, cinquenta e três anos antes, desolara também uma boa parte da Itália, e especialmente o Milanês, onde foi chamada, e ainda o é hoje, a peste de S. Carlos. Tanto é forte a caridade! Entre as memórias tão várias e tão solenes de um infortúnio geral, pode a caridade fazer primar a de um homem, porque a esse homem inspirou ela sentimentos e ações ainda mais memoráveis do que os males; gravá-lo nas mentes, como um resumo de todos aqueles sofrimentos, porque a todos ela o impeliu e em todos o intrometeu, como guia, socorro, exemplo, vítima voluntária; enfim, de uma calamidade para todos, fazer para esse homem como que uma façanha; denominá-la sob o nome dele, como uma conquista ou uma descoberta.

O protomédico* Lodovico Settala, que não só tinha visto aquela outra peste, como também lhe tinha sido um dos mais ativos e intrépidos, e, embora então muito jovem, um dos mais reputados debeladores, e que agora, grande desconfiado desta, estava alerta e colhendo informações, relatou, a 20 de Outubro, no tribunal da Saúde, que, na aldeia de Chiuso (a última do território de Lecco, e confiante com o Bergamasco), irrompera indubitavelmente o contágio. Nem por isto foi tomada qualquer resolução, como se vê pelo *Ragguaglio* de Tadino*.

E eis que de Lecco e de Bellano chegam avisos semelhantes. Resolveu então o tribunal e contentou-se com enviar um comissário, que, de caminho, tomasse um médico em Como e fôsse com ele visitar os lugares indicados. Ambos, "ou por ignorância ou por outra coisa, deixaram-se persuadir por um velho e ignorante barbeiro de Bellano, de que aquela espécie de males não era peste**", mas sim, em alguns lugares, efeito habitual das emanações outonais dos pântanos, e noutros efeito dos vexames e maus tratamentos sofridos na passagem dos alemães. Tal asseveração foi referida ao tribunal, que, com ela, parece haver pôsto o coração em paz.

Chegando, porém, sem pausa, de diversas partes, outras e outras notícias de morte, dois delegados foram enviados para verem e providenciarem: o supradito Tadino e um auditor do tribunal. Quando estes chegaram, o mal já se havia dilatado tanto, que as provas se ofereciam sem que se fizesse mister andá-lhes à cata. Eles percorreram o território de Lecco, a Valsassina, as costas do lago de Como, os distritos denominados o Monte di Brianza e a Gera d'Adda, e em toda parte acharam aldeias fechadas por cancelas nos lugares de acesso, outras quase desertas, e os habitantes fugidos e abrigados em tendas no campo, ou dispersos; "e", diz Tadino, "eles nos pareciam criaturas selvagens, trazendo na mão, umas a erva menta, outras a arruda, outras o alecrim e outras um frasco de vinagre". Informaram-se eles do número dos mortos: era espantoso; visitaram enfermos e cadáveres, e em toda parte acharam as medonhas e terríveis marcas da pestilência. Por cartas, deram imediatamente essas sinistras notícias ao tribunal da Saúde, o qual, ao recebê-las, que foi a 30 de Outubro,

"se dispôs", diz o mesmo Tadino, a prescrever os bilhetes de saúde, ou passaportes, para interdizer a entrada da Cidade às pessoas provenientes das aldeias onde o contágio se havia manifestado; "e, enquanto se redigia o edital", deu antecipadamente algumas ordens sumárias aos fiscais de entrada.

Nesse interim tomaram os delegados a toda pressa as medidas que melhores se lhes afiguraram; e voltaram à cidade com a triste convicção de que elas não bastariam para remediar e deter um mal já tão adiantado e difundido.

Chegados, de volta, a 14 de Novembro, e, oralmente e de novo por escrito prestada informação ao tribunal, tiveram deste a incumbência de apresentar-se ao governador, e de lhe expor o estado das coisas. Lá foram, e de lá trouxeram a declaração de haver êle experimentado muito desgosto com tais notícias e mostrado grande sentimento com elas; mas que os cuidados da guerra eram mais urgentes: sed *belli* graviores esse curas. Assim reza Ripamonti, que havia compulsado os registros da Saúde Pública e conferenciado com Tadino, encarregado especialmente da missão: se o leitor se recorda, era esta a segunda pela mesma causa, e com o mesmo êxito. Dois ou três dias depois, a 8 de Novembro, baixou o governador um edital em que ordenava festejos públicos pelo nascimento do príncipe Carlos, primogênito do rei Filipe IV, sem suspeitar ou sem se preocupar com o perigo de uma grande concorrência de povo em tais circunstâncias: tudo como em tempos normais, como se lhe não houvessem falado de coisa alguma.

Era este homem, como já se disse, o célebre Ambrósio Spinola, enviado para reorganizar aquela guerra e reparar os erros de Dom Gonzalo, e, incidentemente, para governar; e incidentemente também podemos aqui lembrar haver êle morrido ao cabo de poucos meses, nesse mesma guerra que tanto tinha a peito; e morreu, não de ferimentos no campo de batalha, mas na cama, de mágoa e de paixão, por censuras, injustiças desgostos de toda espécie recebidos daqueles a quem servia. A história tem-lhe deplorado a sorte, e verberado a ingratidão dos outros; com muita diligência lhe há descrito as façanhas militares e políticas, louvado a previdência, atividade e constância: bem podia, também, investigar o que êle fez de todas essas qualidades quando a peste ameaçava, invadia uma população que fôra confiada aos seus cuidados ou, antes, ao seu arbitrio.

Mas o que, deixando íntegra a censura, diminui a admiração causada por esse seu procedimento, o que faz nascer uma outra e mais forte admiração, é a conduta da própria população, daquela, quero dizer, que, ainda não atingida pelo contágio, tanta razão tinha para temê-lo. A chegada daquelas notícias das aldeias que por êle estavam tão infectadas, de aldeias que formam em torno da cidade como que um semicírculo, distantes dela, em alguns pontos, não mais de dezoito ou vinte milhas, quem não pensaria que ali se suscitasse um movimento geral, um desejo de precauções bem ou mal entendidas, quando menos uma estéril inquietação? E, no entanto, se em alguma coisa as memórias daquele tempo estão de acôrdo, é em atestar que não houve nada disso. A penúria do ano precedente, os vexames causados pela soldadesca, as aflições de espírito, pareceram mais do que suficientes para explicar a mortandade: nas praças, nas lojas, nas casas, quem deixasse esca-

(*) Primeiro médico, principal, que fazia parte do protomedicato, junta médica incumbida do cuidado da saúde pública, do exame dos boticários e bolicas, dos médicos e cirurgiões formados em países estrangeiros, dos curandeiros, etc. — N. do T.

(*) Página 24.

(**) Tadino, *ibidem*.

(Continua)